

Osmar BUSTOS



Ivald Granato, na APM, ao lado de uma de suas telas

## Réquiem para Ivald Granato

Ivald Granato (falecido dia 3 de julho passado, aos 66 anos de idade) foi um dos grandes artistas plásticos brasileiros. Na vida e nas artes experimentou de tudo. Lisérgico, ligado, livre, provocador, performativo, inquieto, inovador, noturno, diurno, apaixonado pela vida, pintou, desenhou, esculpiu, gravou, fotografou e até fez cerâmica. Porém, em todos os seus atos havia algo de rigorosamente constante: talento inato para as artes e muita sensibilidade.

A APM deve-lhe tributos. Quando iniciamos a caminhada, no final dos anos 1990, para a criação e ampliação do acervo da Pinacoteca, mandamos cartas para vários renomados artistas, pedindo-lhes sugestões, e Granato foi o primeiro a responder, bem assim a incentivar o projeto.

Recebeu-nos em seu ateliê, à Rua Henrique Schaumann, esquina com a Av. Rebouças. Uma beleza de encontro, regado a arte, a vinho e a ideias maravilhosas, as quais, muitas, foram aplicadas à APM para a ampliação de seu acervo, hoje rico e importante.

Tim-tim Ivald Granato, você sempre será eterno, imortal e genial artista a quem a APM, *ab imo pectore*, agradece.

---

**Guido Arturo Palomba**  
Diretor Cultural

# Lição de proctologia para toda uma vida

**Mário Santoro Junior**

Numa tarde comum de atividades no consultório, enquanto esperava, pacientemente, que a secretária fizesse nele adentrar o próximo paciente, meus olhos visitaram a sala, como a conferir se tudo estava em ordem. Eis que, subitamente, o quadro com a fotografia dos prédios da nossa velha e querida Santa Casa de Misericórdia de São Paulo prende não só minha atenção, mas, pela emoção que me apossa, também a minha respiração. Quantas vezes vi e revi essa foto. E a cada uma delas mais me emociona a sua magnífica arquitetura. Seus tijolos aparentes, seus arcos góticos encimando aqueles corredores por onde passamos anos a fio, tudo compõe o raro exemplo da arquitetura neogótica dos arquitetos italianos Luigi Pucci e Julio Michelli. Em seus jardins, sob a copa de suas árvores, quantas histórias foram vividas! Quantos ali choraram sua dor, expiaram sua culpa, rezaram pela última esperança... mas, também, quantos trocaram ali juras de amor! Foi ali, naquele jardim, que, muitas vezes, namorei a jovem e bela estudante de medicina e depois esposa, cúmplice e companheira por toda uma vida! Circundando o jardim, vi o imponente Pavilhão Conde de Lara, que, inaugurado em 1939, abrigou inúmeras especialidades. Como um microscópio que, ao comando de um botão, adentra aos mistérios da vida, meus olhos atravessaram uma janela em particular. Sim, foi ali que os fatos que aqui narrarei se desenrolaram.

Corria o ano de 1966. Época de muitos acontecimentos políticos: São Paulo assiste a seu governador Ademar de Barros ser afastado do cargo e ser cassado pelo Presidente Castelo Branco, o líder comunista Luís Carlos Prestes é condenado a quatorze anos de prisão, Arthur da Costa e Silva é eleito Presidente do Brasil, em eleição indireta, após sofrer um atentado a bomba no aeroporto de

Guararapes, em Recife. Assistíamos, assim, naquela época, como hoje, à tumultuada vida política deste País!!!

Quanto a nós, tínhamos o privilégio de sermos internos naquele hospital que, por tantos anos, abrigou a velha Faculdade de Medicina, depois transferida para o novo Hospital das Clínicas, em Pinheiros. Com a saída daquela Faculdade, como a provar sua vocação pelo ensino, a velha Santa Casa viu nascer uma nova e pungente escola que, já naquela época, demonstrava que viria ocupar a atual posição de destaque entre as Faculdades de Medicina.

Naquela tarde, internos que éramos do departamento de cirurgia, após o almoço, dirigimo-nos àquela sala que, passados tantos anos, minha vista agora alcançava. Esperava-nos um jovem assistente daquele serviço. Jovem, bonito, alto, de olhos verdes e corpo atlético. Acabara de chegar de um estágio em terras britânicas. De lá trouxera as últimas novidades de sua especialidade: a coloproctologia, e, também, de lá emprestara hábitos e costumes. Isso era patente na sua vestimenta: sob o impecável e impoluto avental branco, usava um elegante terno de casimira, como popularmente se chamava o tecido "cashmere". Este cobria uma linda camisa de linho cujo colarinho engomado, assim como os punhos também o estavam, era fechado por uma gravata-borboleta. Seus sapatos de bico fino brilhavam e seu relógio de ouro reluzia preso a uma corrente, também de ouro, que se escondia em seu bolso, mas não raramente de lá saía para que o jovem doutor pudesse conferir o horário. Fomos orientados, jovens alunos, a nos posicionar em semicírculo atrás dele, que, como um maestro à frente de seus comandados, também se punha à nossa frente. Determinou à enfermeira para fazer entrar o paciente que seria examinado. Rapidamente pudemos ver um homem, já na casa dos cinquenta anos, tra-



Disponível em: <<http://www.santacasasp.org.br/porta/site/especialidades/endoscopia/localizacao>>

Pavilhão Conde de Lara dentro do complexo da Santa Casa de São Paulo

zendo impresso no seu rosto os anos de sofrimento que a vida lhe reservou. Agora, diante de nós, teria que se despir de sua masculinidade, que com muita honra preservou a vida toda. Vestido com uma simples camisola hospitalar, foi colocado em genuflexão e, nesta posição, orou para que Deus terminasse logo aquele sofrimento! Como a provar que, apesar de tudo, não se rendia à vergonha pela qual passava, nenhuma lágrima foi vertida para fora, mas muitas devem ter sido vertidas para dentro do seu coração. Nosso jovem doutor, candidato a uma carreira brilhante, que o tempo confirmou, tanto que até hoje é um respeitadíssimo professor, após as explicações necessárias, ensinar-nos-ia toda a técnica. Assim, posicionou-se à frente do orifício por onde penetraria com seu instrumento para desvendar os mistérios que faziam daquele homem um assíduo freguês de banheiros para neles despojar a incômoda diarreia de que havia muito se queixava. Como uma cortina que, ao se abrir, mostra todo o palco, aquele instrumento gelado e de metal brilhante rapidamente mostrou o canal anal, e, quando ia mostrar o reto, eis que uma súbita e volumosa descarga em jato de um líquido fétido, acastanhado e espumoso, em cheio atingiu aquele que era, até então, um elegante doutor. Suas ves-

tes agora tingidas de castanho, seus sapatos agora molhados por aquele líquido e seu rosto todo sujo nos fizeram compreender que a natureza se vingou e rapidamente fez desaparecer todo orgulho e toda vaidade. Nós, jovens estudantes, tivemos muito mais do que uma aula de proctologia. Tivemos, talvez, naquele instante, nós, futuros médicos, o melhor ensinamento possível: frente ao sofrimento humano, devemos nos despojar do orgulho, da vaidade, do luxo e ter um único sentimento: uma respeitosa compaixão por aqueles que depositam em nós toda a esperança de uma vida melhor! Por tudo isto, o velho e repetido conselho aos alunos: **Curar algumas vezes, aliviar quase sempre, consolar sempre!!!!**

O interessante é que o mesmo acidente, embora por modos diferentes, vi acontecer na minha já longa carreira de Pediatra. O que, aliás, ensinou-me a ter sempre muito cuidado ao retirar as fraldas dos bebês quando os examino. Muito perigosos esses bebês...

---

#### Mário Santoro Junior

Titular da Academia de Medicina de São Paulo  
Titular da Academia Brasileira de Pediatria

# A medicina e a mitologia grega (1)

**Affonso Renato Meira**

Os estudiosos da mitologia grega irão encontrar figuras, senão similares, cabíveis de serem comparáveis com usos, costumes, procedimentos e até mesmo denominações referentes à moderna medicina.

A mitologia grega oferece alguns mitos ligados especialmente às curas e tratamentos dos males humanos. O conhecimento dessas figuras mitológicas oferece melhor possibilidade de que sejam compreendidas passagens ocasionadas por decisões médicas. Os mitos ajudam a compreender as relações humanas embasadas em fábulas que permitem, às vezes, um entendimento melhor de fatos transcritos como acontecidos.

A mitologia grega oriunda de tempos anteriores ao desenvolvimento dos processos modernos de comunicação tem suas origens perdidas na névoa das dificuldades oferecidas pela escrita. Com o passar dos tempos, as figuras da mitologia grega foram expressas através de narrativas, da poesia e da representação das artes, como a pintura e a escultura.

As evidências arqueológicas reveladas em séculos anteriores à presença de Cristo permitiram a descoberta de artefatos que retrataram cenas de ciclos da Grécia Antiga em que deuses adorados se transformaram em mitos. Mitos esses que eram considerados deuses, em um sentimento religioso, e que foram reconhecidos até os dias atuais.

Os doze grandes deuses do Olimpo, assim considerados na mitologia grega, são os seguintes:

**Zeus** — deus de todos os deuses, senhor do Céu.

**Afrodite** — deusa do amor, sexo e beleza.

**Poseidon** — deus dos mares.

**Hades** — deus das almas dos mortos, dos cemitérios e do subterrâneo.

**Hera** — deusa dos casamentos e da maternidade.

**Apolo** — deus da luz e das obras de arte.

**Ártemis** — deusa da caça e da vida selvagem.

**Ares** — divindade da guerra.

**Atena** — deusa da sabedoria e da serenidade. Protetora da cidade de Atenas.

**Cronos** — deus da agricultura, que também simbolizava o tempo.

**Hermes** — mensageiro dos deuses, representa o comércio e as comunicações.

**Hefesto** — divindade do fogo e do trabalho.

Não havia entre essas divindades alguma que cuidasse da vida, da saúde ou de sua promoção, preservação e recuperação. Os deuses eram sempre ligados às artes e à literatura.

Esse envolvimento com os cuidados com a saúde surge em mitos ou lendas de expressão menos valiosa, o que permite concluir que, em tempos antigos da Grécia, valores dos prazeres da vida — a arte, o belo, a música e a paixão —, sem considerar a vitalidade das pessoas, eram aspectos colocados em um patamar mais elevado.

Viver, não importava quanto nem como, aproveitar a vida, poderia ser objetivo valioso da cultura da sociedade da antiga Grécia. Ao menos é o que se pode depreender pela veneração dos mitos, que se transformaram em lendas, chegadas ao Ocidente em tempos mais próximos, trazidos principalmente por poetas.

Uma referência à medicina se encontra na lenda de Apolo e Dafne. Essa filha de Peneu foi o primeiro amor de Apolo. Tentando conquistá-la, enquanto ela fugia, Apolo se proclamava o deus da canção e da lira e afirmava que

possuía flechas que atingiam direto os seus alvos. Contudo, reclamou ser atingido no coração por uma flecha letal. Conclamando-se deus da medicina e conhecedor das virtudes de todas as plantas curativas, lastimava-se de sofrer de uma enfermidade que bálsamo algum curaria: o amor. "Sou o deus da medicina, e conheço as virtudes de todas as plantas curativas. Ai de mim! Sofro de uma enfermidade que bálsamo algum pode curar!" Esse episódio é lembrado por poetas, que enfocam mais o amor de Apolo do que a face de deus da medicina.

Em outra lenda da mitologia grega é encontrada uma referência envolvendo Apolo. Conta ela que esse deus se dedicava a um jovem chamado Jacinto, fazendo-lhe companhia em todas as suas atividades físicas. Em uma oportunidade, quando um arremesso de um disco atingiu o jovem na testa, este, ferido, tombou em terra. Apolo, tão pálido quanto o jovem, levantou-o e, segurando-o nos braços, tratou de oferecer todas as suas habilidades para estancar o sangue. A gravidade do ferimento estava além da capacitação da medicina conhecida por Apolo, e o jovem veio a falecer. Diz a lenda que foi Zéfiro (o vento oeste), com ciúmes de Apolo, que soprou sobre o disco, fazendo-o atingir Jacinto. A literatura cuida da transformação de Jacinto em flor, ignorando os cuidados prestados por Apolo.

A história da guerra de Troia conta um episódio em que os gregos, sitiados, lutavam bravamente para se manter em locais conquistados. Ajax realizou prodígios até se encontrar com um troiano, Heitor, a quem desafiou para uma luta. Heitor aceitou e de imediato atirou uma lança, alvejando o imenso guerreiro. Como a lança atingiu o corpo de Ajax no cinturão, local onde estava presa a espada, o grego não sofreu perfuração no corpo. Não se sentindo ferido, Ajax, agarrando uma pedra grande, lançou-a sobre Heitor, atingindo-o no pescoço e o deixando estirado no chão da batalha. Júpiter, avistando Heitor desfalecido, mandou chamar Íris e Apolo. Íris de pronto mandou ordens para Netuno, que havia chegado para auxiliar os gregos a se retirar do campo de batalha, enquanto Apolo, que na batalha se mantinha neutro, seguiu para oferecer seus cuidados médicos a Heitor. Tudo ocorreu muito rapidamente, o que permitiu que Heitor, totalmente curado, retornasse à batalha e que Netuno voltasse a seus pagos.

O imaginário traduzido pela mitologia grega premia mais a literatura, as artes, o amor e o belo, as paixões,

trazendo em um nível menos referendado a beleza física, a vitalidade e a saúde. O episódio entre Apolo e Dafne conta uma lenda de amor, revelando só no final a citação do deus da medicina, e mesmo assim para evidenciar seu sofrimento amoroso. O de Apolo e Jacinto se preocupa com a beleza da flor em que se transformou Jacinto, e não com a impossibilidade de Apolo salvá-lo da morte. Mesmo relatado em um episódio da guerra de Troia, a ação curativa de Apolo sobre os ferimentos de Heitor fica em segundo plano, sem menção qualquer de realce.

### Referências:

- Academia de Medicina de São Paulo. Afinal, quem é Asclépio?. *Asclépio: Boletim da Academia de Medicina de São Paulo*, n. 1, ano 1, São Paulo, jan./fev. 2010.
- Brandão, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.
- Bulfinch, Thomas (1796-1867). *O livro da mitologia, a idade da fábula*. Trad. Luciano Alves Meira. Ilustração Getulio Delphim. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- Guimarães R. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- Meira, A. R. *Código de Ética Médica: comparações e reflexões*. São Paulo, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Sessenta anos passados: estórias de um médico não especialista*. São Paulo: Scortecci, 2016.

---

### Affonso Renato Meira

Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Ex-presidente da Academia de Medicina de São Paulo

# Honorável Vô RÓI-RÓI

## Arary da Cruz Tiriba

*Bigode, fios branqueados; idade avançada, 4 anos. Das aventuras — sem conta —, sobrevivente único. Em seu esgoto particular, rodeado por adolescentes excitados por ouvi-lo. Acerca do arrisca-mundo por eles desconhecido! O da mundanidade da superfície!*

Vô RÓI-RÓI, o tratamento carinhoso dos ratinhos ao velho murídeo.

— Digam, meus queridos. Quem? O maior inimigo. Quem?

Plateia em coro. “*Miau-Miau*”

— *Negativo! “Miau-Miau”, nunca! Páreo pra nós, jamais! Bichômem, o inimigo! Maldoso como ele só! CUIDEM-SE! AS ARMADILHAS! AROMA DE QUEIJO! A ATRAÇÃO COM VENENO MORTAL! Mas, de tão cruel, seu fim será sua autodestruição. Nossa, a persistência biológica! Nossa, a vitória final!*

[Cartilha do discurso: perigos que ameaçam a família... enfrentamento com o inimigo... disfarces na cidade... esconderijo na habitação... cautelas a observar...]

— *Não se exponham, não sejam primários, ocultem os “caroços de azeitona”<sup>1</sup> que denunciam as tocas!*

— *Vô! conta mais uma! — reclama a colônia. — Das histórias! Dos super-heróis!*

O velho guerreiro cede ante os chichiados dos irrequietos topolinos:

— *Vamos lá, a dos branquelos miúdos; a aristocrata criava-os para se exibir com os indefesos. Pendurava-os no pescoço, o colar animado! Socorridos por nossa aliada... guardem este nome, garotos! Nome, sobrenome: “**Lépe Tospira**”, pequeninha, magrinha, aguerrida! A sectária não teme o Bichômem. Pode, até, eliminá-lo. Pois não levou em conta a exibicionista! Sem conversa! Pro espaço com a excêntrica! Quem manda a socialite se exceder? ... Rato-catita não está pra gola, pra colarinho, muito menos pra colar! Não se esqueçam, calungos! Se maneirarem com **Lépe Tospira**, a superioridade sobre **Bichômem** estará assegurada.*

— Outra, Vô RÓI-RÓI! Aquela da donzela e do titio **Hill Ary Hante**.

— *Tá bom, tá bom, vou contar...*

*Desnorteada, apavorada, seminua!!! A donzela pede socorro ao vizinho médico. Ao assentar-se na comua, de dentro dela — pelame encharcado —, titio **Hill Ary Hante** emergiu da latrina, escondeu-se pra rir do que aprontou.*

Para o inusitado safári, lá foi o esculápio esculachar o voyeur. Caçada infrutífera, tio arteiro, não quis conversa, deu na pata. O médico nem chegou a recomendar tapa-olhos pro tio trocista nem cinto de castidade pra moçoila.

— Vô, verdade? Carne de neném... Que tem de especial?

— *DELICIOSA! Tenra, macia, hum! Que sabor! **Bichômem, Bichinfante**, qualquer tamanho, se não inimigo, hoje, certamente o será amanhã. Portanto, não se arreceiem do berro de neném. Não nos afugentará ao devorarmos o narizinho, a orelhinha, o pipiu. Ora! Se foi largado pela mamãe descuidada, mamadeira ao lado do travesseiro... chamariz irresistível! E o inverso não é verdadeiro? Do outro lado do mundo — o ORIENTAL —, morganho, musarinho, viram panelada, iguaria, sabiam?! **Bichômem** oferece no cardápio “mice” recém-natos para as caranguejeiras!<sup>2</sup> Então, meus queridos, elas por elas!*

— Vô, que fazer com **Bichômem** velho, doente, gafeirento?

— *Indefensos, paralíticos, morféticos? Como lidar com eles? Qual o problema? Incapacitados! Imóveis! Ora! Desprezados pela parentada! ... Extremidades insensíveis... melhor ainda! Morder/roer, roer/morder, à vontade, sem hesitar! SEM PARAR!*

Com a corda toda o Vô RÓI-RÓI... E continua...

— *No paiol jamais interrompam o desjejum. **Conselheiro Ratoneiro** adverte: — “Se o granjeiro enfia a mão no saco de milho, abocanhe-a firme, não solte a mão dele! Quem mandou ser imprudente?”*

E emenda outra, o Vô:

— *Tio **Bizarro** cometeu ratices. Entrou na oficina, atacou a costureira que pedalava a **Singer**, mordeu-a no pé! Não satisfeito, investiu contra as demais artesãs. Contrariou o MANUAL DE AÇÃO em território inimigo, em pleno dia, às claras! ... Tio **Bizarro** bebia, passava da conta. Ou estaria “mamado” ou louco de todo.<sup>3</sup>*

E prosseguindo...

— *Conhecem a do Hotel Cinco Estrelas?*

*Porteiro engalanado! Quepe vistoso! Encargo, suplementar, serviu desjejum para a turma da madrugada. À abertura do guarda-louça... SURPRESA! Espantava — Mickey families — a chusma dos priminhos Disney. Desjejum do “fardado”: café com leite, pãozinho quente, aditivado de xixi da tribo, artimanha da nossa **Lépe Tospira**. Tombou... olhos, pele, mijação, tudo, tudo, cor de laranja-baía madura.<sup>4</sup> Morreu pela boca, o galhardão.*

2 Aranha-caranguejeira.

3 Raiva, mesmo que hidrofobia.

4 Icterícia.

1 Fezes se parecem a caroços de azeitona.

Histórias sobre histórias, ninguém segura Vô RÓI-RÓI!

— Ah! Rapazes, a da Avenida, da Paulista famosa! Ali, a concentração da parentada Classe A, chiqué! E obesa! Puderá! No lixo das lanchonetes... nutrientes dando sopa! Não raro, o companheiro pançudo apavora o **Bichômem** em sua sala ou sobe no edifício — acima do térreo. Pura recreação! Precursor de DOMINGO na PAULISTA!

No hotel de luxo do perímetro, o gringo foi recepcionado — Welcome — no box de banho pelo primo **Capiango**. Deu no ESTADÃO!

Roda [ainda atenta...] em torno do Vô RÓI-RÓI. Agora, a descrever o Metrô...

— **Bichômem** aprendeu a fazer escavação... Com quem? Com quem?! Conosco, ora! Toca deslumbrante, maravilhosa! Noite alta, emudece, um túmulo, medo nenhum! Rataria do mundo inteiro — o preto, o cinzento, o albino, o rato-de-bambu, o rato-do-mato, o rato-d'água, o rato-coró, o rato-da-taquara, o rato-de-barriga-branca — caberia na galeria sem fim! EMPRESA nos combate, mas as tubulações e as fiações deixam nossos dentes afiados, vale a pena o risco! Ali, cautela, meninos!

E Vô garganteia. Ouçam! Os episódios **Carandiru**.

— Operação presidiário 001. O recluso atraiu o meo pra cela dele; queria-o Mestre de Obra para abrir túnel até o outro lado da rua. Mas de graça, sem retribuição, pode?! O parente não se livrava do cativo, do trabalho escravo. Designada pelo PCC (PRIMAZ COMANDANTE-CHEFE), **Lépe Tospira**, ela agiu como de costume: mandou "Pijama Listrado" considerado inconveniente pro beleléu...

Operação presidiário 002. O agente carcerário conhecia em profundidade acontecimentos intramuros do presídio. Pediu sigilo, falou na surdina pra não perder a posição... PSIU!

— ... facinora violento atirado na solitária... à noite clamou por socorro... negativo! ... jamais enxergaria a luz do dia... na manhã seguinte, dele, só a carcaça... nossos focinhos demonstraram não temer bandidagem... exterminaram-no... devoraram-lhe as visceras! Da noite pro dia!!! COMERAM-NO EM VIDA!!!

... Ratinhos... so... no oo... len toss... Só os assanhados a pedir mais.

[Afinado, firme, afirmando, o NARRADOR Vô RÓI-RÓI]

— Enfermeira retorna pra casa noite avançada, depara-se com nosso irmão dentro da casa. Alarmada, pega da vassoura para castigá-lo. Em rota de fuga, o **cinzento** entra na banheira de ferro esmaltado. Lá dentro, punido pra valer, espuma sangue pela boca, enfurecido! ... Mas escapa da peça, refugia-se sob as cobertas onde dorme o cômjuge!

— Marido, acorda! Tem um ratão aí, marido!!!

Marido: "Yo se, mujer! Deixa **Raton** dormir, no é hora de brincar". [maridinho espanhol, apelido **Raton**]

Mão da mulher sob as cobertas de "los dos ratones"... tcham-tcham-tcham... hora e vez da tenaz dentária cravada na mão da servidora da saúde! Pendurado! Triunfante, o tetrapatas! ... Ódio de parte a parte! Guerra é guerra! Matar ou morrer! La Dona tenta esganar o primo com a outra mão; fracassa, alcança o facão, abre a barriga do sócio, assassina-o! Surpresa! Não é sócio, é sócia! Doze pares de mamas, gênero feminino, barrigada! Pejada! Ninhada! 14 crias! [microcesárea, aborto polirratocida — Nota Prévia à Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia Murina]

Fêmea tão valente jamais se viu! Não fugiu à luta... Vô RÓI-RÓI compareceu ao funeral da companheira **Rhataz Ana**... Grávida, mas como defendeu a prole!

Mulher de **Raton** também se deu mal. Dramático o confronto! ... Susto, sangue, SUS, soma: sofrimento, só... Ratona ou Bichômem/mulher — fêmeas — mais briguentas que os varões! Sobretudo em defesa da prole!

**ronc... ronc... ronc...**

... e Vô RÓI-RÓI não para...

— Como agir nas enchentes? Sabemos nadar, mas não somos peixinho de aquário para viver embaixo d'água. Nosso alojamento ficou inundado? Resta o refúgio dentro da habitação do **Bichômem**. Incompatibilidade com morador? E daí? Se nos rechaçam... Reagir! Atacar! Morder pra valer! CRAVAR DENTES!

**ronc... ronc... ronc... ronc...**

— Sabem, vocês, quantos somos? Adianto-lhes o recenseamento anunciado pelo ITAPEAR (Instituto Tales, Pitágoras & Aristóteles), e-mail <i.tapear@rataria.com.br>. Nossas patas rigorosamente contadas, uma a uma; ao resultado, acrescentado número de caudas. Da divisão por cinco: milhões, bilhões, trilhões!!! População da confraria pauliceia! Supera **Bichômens!**

**ronc... ronc... ronc... ronc... ronc...**

Vô RÓI-RÓI sob empolgamento [apenas dele]

ROER, ROER, meu primeiro e grande objetivo, crianças... journey to the Center of Earth, atingir o EXTREMO ORIENTE! Estou de partida pr'aprender a rastejar de ponta-cabeça, lá pelo Japão! Sonho antigo prestes à realização! Mas, se não voltar, eu, RÓI-RÓI, deixo instruções. "MENINOS! Não deixem esfriar a aliança com os primos silvestres. Nós — urbanizados -, associados à urinosa **Lépe Tospira**... mais os primos campesinos, aliados ao fecalino gringo **Hantan Vee Russ**,<sup>5</sup> juntos, constituiremos sorrateiro exército contra o pretensioso **Bichômem**. Se ousar enfrentar membros do clã ratineiro, que se cuide! Bandeira cinzenta, nossa flâmula! Representa a ação subterrânea de nossa seita. Nossas células continuarão camufladas, blá-blá-blá..."

— VIVA nosso xixi! VIVA nossa caca! Nossas armas, nossos dentes! VIVA nossa poderosa arcada canina! Amiguinhos! VORACIDADE! AGRESSIVIDADE!

A essa altura, primeira-dama **Rhat O'Nice**, tom suave, porém... categórico:

— RÓI-RÓI, meu querido! Facção cochilando! Para de falar! Dia clareando, meo! O toucinho rançoso molhado no chá de que você tanto gosta antes de roncar, esfriando, amor! Anda! Já! Já! Pro escuro! Pra dentro da canalização!

**Qualquer semelhança com a realidade  
é mera coincidência.**

5 Vírus *Hantan*, responsável por síndrome renal.

#### Arary da Cruz Tiriba

Médico infectologista e sanitarista, Professor Titular de Doenças Infecciosas e Parasitárias (aposentado), em atuação voluntária na UNIFESP/Escola Paulista de Medicina), Emérito da Academia de Medicina de São Paulo



## coluna do livro

### **La Démence Précoce**

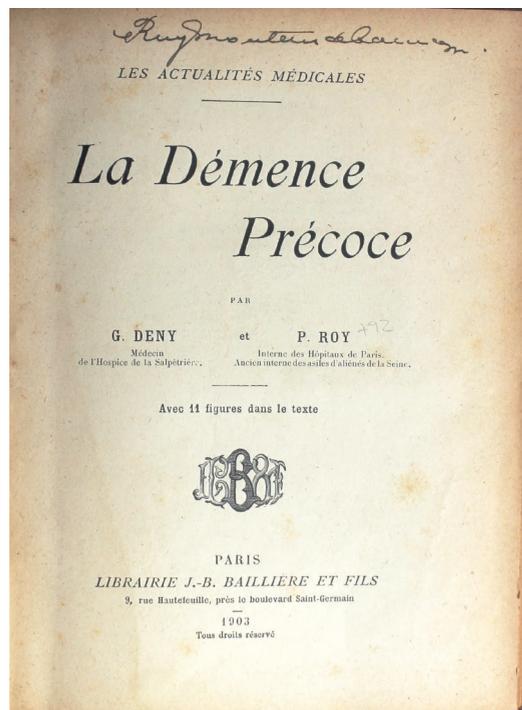
Trata-se de um clássico da psiquiatria, de 1903, quando ainda a esquizofrenia era denominada "demência precoce", escrito por G. Deny, médico do Hospício da Salpêtrière e por P. Roy, ex-interno do Asilo de Aliena-dos de Seine.

A bem ver, foi Ewald Hecker, em 1870, e Karl Kahlbaum, em 1868, que assinalaram, pela primeira vez, a

existência de uma doença mental de início na puberdade, com extraordinária rapidez na evolução, podendo levar o sofredor à demência. E foi Gustav Aschaf-fenburg quem publicou, em 1911, no seu tratado de psiquiatria, a monografia de Eugen Bleuler denominada *Demência precoce, outro grupo da esquizofrenia*, nome que se usa até hoje.

O livro em comento — muito diferente dessas escu-malhas do tipo Classificação Internacional das Doenças (CID), que contém um amontoado de bobagens — traz descrições precisas, claras e adequadas de como essa doença mental começa, se desenvolve e termina.

São 96 páginas, publicadas pela famosa Baillière et Fils, Paris, com várias ilustrações, encadernação dos anos 1980, chegou à Biblioteca da APM em 15 de outubro de 1980, por doação de Ruy M. Cintra de Camargo.



Demência Catatônica

#### **Guido Arturo Palomba**

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

#### **DEPARTAMENTO CULTURAL**

**Diretor:** Guido Arturo Palomba

**Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*),

Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira,

José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba,

Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

**Cinemateca:** Wimer Bottura Júnior

**Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:**

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.